

Os Designers Belgas: ruptura na moda

Antonio Carlos Rodrigues dos Santos¹

Rosimeiri Naomi Nagamatsu²

¹Graduando em Tecnologia em Design de Moda pela UTFPR.

²Docente do Curso de Tecnologia em Design de Moda, UTFPR

Resumo:

A moda apresenta-se hodiernamente como um fenômeno de caráter multifacetado. Esse fenômeno tange diversas outras áreas, como a cultura, economia, sociologia, entrelaçando-se ainda com diversas outras. Assim, faz-se necessário aborda-la através de uma visão plurilateral na intenção de não reduzi-la. Pode-se notar a cada estação a tentativa de sua reapresentação, em uma dinâmica na qual a moda anterior é revisitada para sua reinterpretação. Contudo, dificilmente se vê algo novo. Os estilos anteriores são repetidos sucessivamente e isto faz com que a novidade seja cada vez mais difícil de se materializar. O objetivo do presente trabalho é apontar a influência dos designers Belgas, surgidos na década de 1980, na moda contemporânea e em como tais designers propõem uma nova dinâmica para o que se entende por moda. O trabalho baseou-se na pesquisa bibliográfica e análise iconográfica da coleção de alta costura outono /inverno 2010, da Maison Martin Margiela. Aponta-se assim peculiaridades da escola Belga que a caracterizam como um movimento precursor de rupturas na moda contemporânea.

Palavras-chave:

Belgas; Moda; Ruptura

1 INTRODUÇÃO

Segundo Matharu (2010) é na década de 80 que surgem dois movimentos revolucionários que impressionaram o mundo da moda: a Revolução Belga e a Japonesa. Essas duas escolas subverteram a moda ao passo que apresentavam criações jamais vistas.

Ambos movimentos desconstruíram a moda na tentativa de sua rerepresentação, de uma maneira subversiva e intelectualizada. A moda, que sempre se viu rebuscada com inspirações no passado, viu-se, através deles, olhando para o futuro.

Pretende-se com esse trabalho analisar o trabalho da Maison Martin Margiela, expoente do design Belga, que caracteriza-se como um movimento precursor da intelectualização e do questionamento da própria moda. A Revolução Belga, oriunda das décadas de oitenta e noventa, será caracterizada como uma ruptura no caráter cíclico da moda, bem como no âmbito estético.

O trabalho baseou-se na pesquisa bibliográfica, que é definida por Otoni e Fialho (2011) como a conquista de dados através de fontes de materiais publicados e análise iconográfica da coleção de alta costura outono /inverno 2010, da Maison Martin Margiela, definida por Reis (2010) como um procedimento metodológico que estabelece a imagem como fonte de conhecimento teórico. Aponta-se assim, peculiaridades da escola Belga que a caracterizam como um movimento precursor de rupturas na moda contemporânea.

2 A MODA

Na tentativa de se explicar a moda Svendsen (2010), afirma que a mesma pode ser definida, de maneira geral, em dois segmentos distintos. O primeiro deles refere-se a questão da moda enquanto vestimenta; já o segundo trata a moda como um mecanismo ou ideologia, que entre outras coisas, se aplica também a área do vestuário. Já para Pires (2008, p. 37) “a moda é uma importante área de produção e expressão da cultura contemporânea”.

Com base nessas definições, pode-se inferir que não se deve reduzir o significado da moda às roupas, mesmo sendo através do vestuário que ela se materializa de maneira

mais fácil, mas deve-se tomá-la como um fenômeno maior, composto por diversos outros tópicos.

Contudo este trabalho baseia-se em um caráter específico da moda: a sua relação com a modernidade. Relação baseada no movimento e na constante busca pelo novo. Charles Baudelaire (1863), em seu artigo seminal “O pintor da vida moderna” definiu a modernidade como algo transitório e efêmero, sendo uma outra parte o eterno e o imutável. Berman (1982 *apud* Harvey 1989) contribui para essa definição ao inferir que a modernidade é uma unidade paradoxal, ou uma unidade de desunidade que contribui para uma dinâmica de desintegração e renovação.

A moda compartilha do pilar fugaz da modernidade. Para Caldas (1999, p. 30) “se tivéssemos que sintetizar a palavra moda em uma única ideia, a palavra-chave seria mudança”. Vale ressaltar também a questão do novo, uma vez que o ciclo da moda é impulsionado por sua busca. De acordo com Svendsen (2010, p. 27) “praticamente todos os teóricos da moda enfatizam a busca pelo novo”.

Percebe-se então que moda e modernidade partilham de características em comum: a mudança e a busca pelo novo. Essas características promovem um caráter cíclico na moda a velocidade cada vez mais considerável.

De acordo com Svendsen (2010) sempre houve um elemento cíclico na moda: desde o século XV os estilos anteriores começavam a ser repetidos. No entanto, nessa época, a duração de um ciclo era substancialmente maior, diferente de agora.

É nesse cenário de repetição pela eterna recorrência ao novo que levanta-se a questão da Revolução Belga. De acordo com Santos (2014, p. 2) “É nesse contexto, do *looping* causado pelo caráter cíclico da moda que surgem alguns movimentos que tentam rompê-lo”.

2.1 A REVOLUÇÃO BELGA

Segundo Matharu (2010) surge nos anos oitenta a Revolução Belga. Conhecidos como os seis da Antuérpia, Walter Van Beirendonck, Dirk Bikkembergs, Marina Yee, Dirk Van Saene, Ann Demeulemeester e Dries Van Noten, traziam consigo uma atitude

inteiramente nova. E apesar da mesma formação na Academia Real da Antuérpia, seus estilos eram individuais e se mantiveram distintos e variados.

Esses designers colocaram a Bélgica no mapa da moda, apresentando suas coleções primeiramente em Londres e mais tarde na França, onde afirmavam seu estilo à frente de seu tempo. De acordo com Jones (2005, p. 47) “os estilistas belgas lembram os japoneses do ponto de vista de sua afinidade com uma abordagem pós-moderna e conceitual das roupas e da preferência pelo preto.”

Para Braga (2007) esse movimento ganha maior força na década de 90 com desconstrutivismo proposto por Martin Margiela.

Foi uma desconstrução para um novo construir; um tipo de paradoxo que acabou se firmando na moda. Foi uma espécie de reciclagem tão em voga no fim dos anos de 1980 e início dos anos 90; e do ponto de vista comercial e popular, esse conceito se transformou em bainha desfiada e overloque aparente. (2007, p. 102)

Hoje nomes como Raf Simons e Kris Van Assche, ambos formados na Academia Real da Antuérpia, dirigem a criação da Dior e Dior Homme, respectivamente.

2.1.1 Maison Martin Margiela

De acordo com Leach (2012), a Maison Martin Margiela foi fundada por Martin Margiela em 1988, em Paris. Desde que foi fundada, faz a moda a forçar seus próprios limites com suas criações. Nascido em 1959, estudou na Academia Real da Antuérpia e fez parte da primeira geração que colocou a cidade no mapa da moda. Foi assistente de Jean Paul Gaultier e apresentou sua primeira coleção em Paris em 1988, coleção marcada pelo desconstrutivismo.

É considerado um dos estilistas mais influentes e iconoclastas dos últimos tempos. Contudo, ainda para Jones (2003), ao contrário da maioria dos designers, Martin Margiela, criou um culto pela impersonalidade, o que podia ser visto em seu comportamento recluso, ou até mesmo em suas criações, sempre com os rostos cobertos, e até mesmo na etiqueta de suas peças que vêm em branco.



(a)



(b)

Figura 01: Maison Martin Margiela, Inverno 2010 (a) clutch-boots; (b): Clutch-jacket. Fonte: maisonmartinmargiela.tumblr Org: O autor

As peças acima são provenientes da coleção “Alta Costura Outono/Inverno 2010”, que baseou-se na reutilização de peças *vintages* para a construção dos modelos. Na primeira observa-se uma bota construída a partir da reutilização de *clutches* antigas. Assim como na figura (b), uma jaqueta foi construída a partir da mesma ideia. Essa técnica além de reduzir o número possíveis de peças, é baseada na desconstrução e na rerepresentação das mesmas, de uma maneira nova e que tange a arte, alcançando resultados únicos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Jones (2003, p. 319) “Martin Margiela é o estilista do estilismo”. Essa afirmação provém do fato de que as criações do estilista são sobre as próprias roupas. Através da análise imagética da coleção supracitada, pode-se visualizar algumas das características da Revolução Belga.

Trata-se de um rompimento no padrão da moda vigente no momento evidenciado e esta ruptura possui profunda ligação com questões estéticas e sociais, sem esquecer das questões comportamentais e mercadológicas. Através da subversão e do questionamento

Os designers belgas: ruptura na moda

da moda através dessas peças, esse movimento dirige-se na direção contrária da moda massificada e propõe o novo, caracterizando-se então como uma ruptura no fenômeno da moda.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, C. **O pintor da vida moderna.** Disponível em:< http://copyfight.me/Acervo/livros/BAUDELAIRE_O%20pintor%20da%20vida%20moderna.pdf> Acesso em 12/07/2013.
- BRAGA, João. **História da moda.** 7. Ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.
- CALDAS, D. **Universo da Moda: curso online.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens.** São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- JONES, T. **Fashion Now: i-d selects the world's 150 most important designers.** Taschen, 2003.
- MATHARU, G. **O que é design de moda?** São Paulo: Bookman, 2011.
- OTANI, N.; FIALHO, F. A. P. **TCC: métodos e técnicas.** 2. ed. Florianópolis: Visual Books, 2002.
- REIS, A. P. **A análise de imagens como método de pesquisa e recurso didático.** Disponível em:< http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2010/administracion-concursos/archivos_conf_2013/1131_85939_1689con.pdf>. Acesso em 28 de jun. 2014.
- SANTOS, A. C. R. **A Ruptura da Moda: a influência da escola Japonesa na Moda Contemporânea.** Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/>>. ABEPEN: Caxias do Sul, 2014.
- SVENDSEN, L. **Moda uma filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.